

Becky Albertalli

**O
CORACÃO
DE
SIMON
CONTRA O
MUNDO**

Tradução de Miguel Marques da Silva



É uma conversa estranhamente subtil. Quase não reparo que estou a ser chantageado.

Estamos sentados em cadeiras desdobráveis de metal nos bastidores.

– Li o teu email – diz o Martin Addison.

Olho para cima.

– O quê?

– Há pouco, na biblioteca. Não foi de propósito, claro.

– Leste o meu email?

– Bom, usei o computador depois de ti – confessa ele – e quando entrei no Gmail apareceu a tua conta. Provavelmente devias ter terminado a sessão.

Olho fixamente para ele, sem saber o que dizer. O Martin bate com o pé na perna da cadeira.

– Porque é que usas um nome falso? – pergunta ele.

Bom. Eu diria que o objetivo do nome falso era impedir que pessoas como o Martin Addison conhecessem a minha identidade secreta. Estou a ver que funcionou às mil maravilhas.

Acho que deve ter-me visto a usar o computador.

E acho que sou um idiota chapado.

– Pois, pensei que te podia interessar saber que o meu irmão é *gay* – diz ele, a sorrir.

– Ah... Nem por isso.

Ele fica a olhar para mim.

– O que estás a tentar dizer? – pergunto.

– Nada. Olha, Spier, não tenho qualquer problema com isso. Não é nada de mais.

Só que, por acaso, até é um pequeno desastre. Ou talvez um desastre épico, dependendo da capacidade de o Martin manter, ou não, a boca fechada.

– Isto é mesmo embaraçoso – comenta ele.

Nem sequer sei o que responder.

– Seja como for – continua ele –, dá para perceber que não queres que as pessoas saibam.

Pois. Acho que não. Só que toda a história de sair do armário não me assusta muito.

Acho que não me assusta muito.

É mais uma enorme caixa a transbordar de embaraço e não vou fingir que tenho uma grande vontade de o fazer. Mas, provavelmente, não seria o fim do mundo. Não para mim.

O problema é que não sei o que significaria para o *Blue*. Se o Martin contar a alguém. A cena do *Blue* é que ele é uma pessoa reservada. O tipo de pessoa que não se esqueceria de terminar a sessão da conta de email. O tipo de pessoa que nunca me perdoaria por ter sido tão descuidado.

Por isso, acho que estou a tentar dizer que não sei o que significaria para nós. Para mim e para o *Blue*.

Mas não acredito que estou realmente a ter esta conversa com o Martin Addison. De todas as pessoas que podiam ter entrado no Gmail depois de mim... Têm de entender que eu nunca teria usado o computador da biblioteca, mas a escola bloqueia o sinal de *wireless*. E era um daqueles dias em que não podia esperar até ligar o portátil em casa. Quer dizer, nem sequer conseguia esperar por verificar o telemóvel no parque de estacionamento.

Porque de manhã tinha escrito ao *Blue* através da minha conta secreta de email. E até era um email importante.

Só queria ver se ele tinha respondido.

– Por acaso penso que as pessoas iriam aceitar – diz o Martin.
– Devias poder ser quem és.

Nem sei por onde começar. Um rapaz hétero, que mal me conhece, a dar-me conselhos sobre assumir-me. Dá para não revirar os olhos?

– Bom, também não importa – continua ele. – Não vou mostrar a ninguém.

Por um minuto, sinto um alívio estúpido. Só depois percebo.

– Mostrar? – pergunto.

Ele fica corado e começa a remexer no punho da manga. Algo na expressão dele dá-me um nó no estômago.

– Tu... tu tiraste uma imagem do ecrã ou algo assim?

– Pois – responde ele. – Queria falar contigo sobre isso.

– Desculpa... *Tu fizeste a porcaria de um print screen?*

Ele aperta os lábios e olha por cima do meu ombro.

– Pois – diz ele. – Sei que és amigo da Abby Suso e queria pedir-te...

– A sério? Ou se calhar podemos voltar um pouco atrás e falar antes da imagem que guardaste dos meus emails.

Ele faz uma pausa.

– Quer dizer, estava a pensar se me podias ajudar a falar com a Abby.

Quase desato a rir.

– Então... queres que fale bem de ti?

– Bom... sim – diz ele.

– Por que raio faria eu isso?

Ele olha para mim e, de repente, faz-se luz. Esta história da Abby. É isso que ele quer de mim. Isso, em troca pela não divulgação dos meus malditos emails privados.

E os emails do *Blue*.

Credo! Quer dizer, sempre pensei que o Martin fosse inofensivo. Um bocadinho totó, para ser honesto, mas isso nem é uma coisa má. E sempre lhe achei alguma piada.

Só que agora não me estou a rir.

– Vais mesmo obrigar-me a fazer isto – digo eu.

– Obrigar-te? Vá lá, não é nada disso.

– Então, é o quê?

– Não é coisa nenhuma. É assim, eu gosto da miúda. Só pensei que me podias ajudar. Convidar-me para cenas onde ela vá estar, sei lá.

– E se não te ajudar? Vais pôr os emails no Facebook? Na porcaria do Tumblr?

A lista de *Segredos de Creek* do Tumblr é a central de boatos da

Escola Secundária de Creekwood. Um dia seria suficiente para que a escola inteira ficasse a saber.

Ficamos os dois calados.

– Acho apenas que estamos numa posição em nos podemos ajudar um ao outro – diz finalmente o Martin.

Engulo em seco.

– O Marty ao palco – chama a Professora Albright. – Ato Dois, Cena Três.

Ele levanta-se da cadeira.

– Então, pensa nisso.

– Sim, claro – respondo eu. – Quer dizer, isto é mesmo espetacular. Ele olha para mim. Segue-se um silêncio tenso.

– Não sei que raio queres que te diga – digo por fim.

Ele encolhe os ombros.

– Como queiras.

Acho que nunca quis tanto que alguém fosse embora. Contudo, quando ele se preparava para afastar a cortina, virou-se para mim.

– Só por curiosidade – recomeça o Martin. – Quem é o *Blue*?

– Ninguém. Ele vive na Califórnia.

Se o Martin pensa que vou denunciar o *Blue*, está muito enganado.

O *Blue* não vive na Califórnia. Ele vive em Shady Creek e anda na nossa escola. *Blue* não é o verdadeiro nome dele.

Ele é alguém. Até pode ser alguém que conheço. Mas não sei quem é. E não tenho a certeza se quero saber.

E não tenho qualquer vontade de aturar a minha família. Provavelmente tenho uma hora até ao jantar, o que significa uma hora a tentar tornar o meu dia na escola numa série de episódios divertidos. Os meus pais são assim. Não basta dizer que a professora de Francês tinha as cuecas à mostra ou que o Garrett deixou cair o tabuleiro na cantina. É preciso representar a cena. Falar com eles é mais cansativo do que alimentar um blogue.

Mas é curioso. Eu adorava o caos e a confusão antes do jantar. Agora, parece que não posso esperar para sair porta fora. Especialmente hoje. Demoro só o tempo suficiente para prender a trela na coleira do *Bieber* e sair.

Tento esquecer o mundo ao som de Tegan and Sara no meu iPod. Mas não consigo parar de pensar no *Blue*, no Martin Addison e no horror que foi o ensaio de hoje.

Então, o Martin gosta da Abby, tal como todos os totós héteros nos Estudos Avançados. E realmente, ele só quer que eu o deixe andar comigo quando estiver com ela. Não parece muito mau, visto dessa maneira.

Exceto pela questão de me estar a chantagear. E, por arrastamento, de estar a chantagear o *Blue*. É essa parte que me dá vontade de bater em alguém.

Mas ouvir Tegan and Sara ajuda. Caminhar até casa do Nick ajuda. Paira no ar aquela sensação fresca do início de outono e as pessoas já andam a decorar as entradas com abóboras. Adoro isso. Sempre adorei, desde miúdo.

O *Bieber* e eu cortamos caminho pelo quintal do Nick até à cave. Uns templários estão a ser massacrados numa enorme televisão virada para a porta. O Nick e a Leah estão estendidos numas cadeiras de jogos completamente radicais. Têm ar de quem não se mexeu durante toda a tarde.

O Nick põe o jogo em pausa quando entramos. O Nick é assim. Não pousa uma guitarra para falar, mas põe um jogo em pausa.

– *Bieber!* – chama a Leah.

Numa questão de segundos, o *Bieber* está encavalitado de uma forma estranha no colo dela, com a língua de fora e a pata a abanar. O cromo do cão perde a vergonha toda quando vê a Leah.

– Não, na boa. Cumprimenta só o cão. Faz de conta que não estou aqui.

– Coitadinho, também queres que te coce atrás das orelhas?

Não contenho o sorriso. Isto é bom; tudo está normal.

– Encontraram o traidor? – pergunto.

O Nick dá uma palmadinha no comando da consola.

– Já o matei.

– Boa.

A sério, não me podia importar menos com o bem-estar de assassinos, templários ou qualquer outra personagem de jogo. Mas creio que preciso disto. Preciso da violência dos jogos, do cheiro desta cave

e da familiaridade do Nick e da Leah. Do ritmo da nossa conversa e das nossas pausas. Das tardes de outubro passadas à deriva.

– Simon, o Nick não viu *le cueca*.

– Ohhhh. *Le cueca. C'est une histoire touchante.*

– Numa língua que se perceba, por favor? – pede o Nick.

– Ou por gestos – diz a Leah.

Pelos vistos, sou mesmo espetacular a representar incidentes embaraçosos com cuecas.

Se calhar até gosto de representar. Um pouco.

Acho que começo a sentir aquela sensação de passeio do 6.º ano com o Nick e a Leah. Não sei como explicar. Mas quando estamos só nós os três, temos estes momentos da mais perfeita estupidez. Nesses momentos, o Martin Addison não existe. Os segredos não existem.

Estúpido. Perfeito.

A Leah rasga o invólucro de papel de uma palhinha e estão os dois a segurar enormes copos de *ice tea* da Chick-fil-A. Por acaso, há muito tempo que não vou à Chick-fil-A. A minha irmã ouviu dizer que eles doavam dinheiro para lixar os *gays* e a partir daí comecei a achar estranho ir lá. Mesmo sabendo que os batidos de Oreo são enormes taças a transbordar de delícia espumante. Não que eu possa falar disso com o Nick e a Leah. Não falo de assuntos *gay* com ninguém. Tirando o *Blue*.

O Nick bebe um gole de *ice tea* e boceja. A Leah aproveita e atira-lhe um pequeno pedaço de papel amarrotado para a boca, mas o Nick fecha-a a tempo.

– Continua a bocejar, dorminhoco – diz ela, encolhendo de ombros.

– Porque é que estás tão cansado?

– Porque passo a vida em festas – responde o Nick. – Toda a noite.

Todas as noites.

– E por “festas” ele quer dizer trabalhos de casa de Matemática.

– COMO QUEIRAS, LEAH.

O Nick debruça-se para trás e volta a bocejar. Desta vez, o papel da Leah toca-lhe no canto da boca.

Ele atira-lhe o papel de volta.

– Ultimamente ando a ter uns sonhos estranhos – diz ele.

Eu ergo um sobrolho.

– Que nojo. Nem quero saber.

– Oh. Não é esse tipo de sonho.

A Leah fica muito corada.

– Não é isso – continua o Nick. – São realmente sonhos estranhos. Tipo, sonhei que estava na casa de banho a pôr as lentes de contacto e não conseguia perceber que lente ia em que olho.

– OK. E depois?

A voz da Leah soa abafada, uma vez que tem a cara enterrada no pelo do *Bieber*.

– Depois nada. Acordei, pus as lentes de contacto como normalmente faço e estava tudo bem.

– Esse é o sonho mais aborrecido de sempre – diz ela, continuando um momento depois: – Não é por esse motivo que as caixas das lentes de contacto têm marcado o lado esquerdo e o lado direito?

Eu sento-me de pernas cruzadas no tapete. O *Bieber* sai do colo da Leah e vem ter comigo.

– É um bom motivo para as pessoas usarem óculos e pararem de mexer nos olhos.

– Isso e porque os óculos tornam-te parecido com o Harry Potter, não é, Simon?

Uma vez. Fiz essa piada uma vez.

– Bom, creio que o meu subconsciente está a tentar dizer-me algo. – O Nick consegue ser muito obstinado quando lhe dá para ser intelectual. – É óbvio que o tema do sonho é a visão. O que é que não estou a ver? Qual é o meu ponto cego?

– A tua coleção de música – sugiro.

O Nick debruça-se para trás na cadeira de jogos e dá mais um gole na bebida.

– Sabiam que o Freud interpretava os seus próprios sonhos enquanto desenvolvia a sua teoria? E que acreditava que todos os sonhos eram uma forma de realização inconsciente de desejos?

A Leah e eu olhamos um para o outro e percebo que estamos a pensar o mesmo. É bem provável que seja tudo uma invenção dele, mas não importa, porque o Nick fica irresistível quando lhe dá para filosofar.

É claro que sigo uma política rigorosa de não me apaixonar por tipos hétero. Pelo menos, não por tipos que tenho a certeza de que são hétero. No limite, sigo uma política de não me apaixonar pelo Nick. Mas a Leah apaixonou-se. E isso tem causado todo o tipo de problemas, especialmente agora que a Abby entrou em cena.

De início, não entendia por que motivo a Leah detestava a Abby, e perguntar-lhe diretamente não me serviu de nada.

– Oh, ela é o *máximo*. Quer dizer, ela pertence à claue. E é tão gira e tão magra. Isso não faz dela simplesmente espantosa?

Têm de entender que ninguém domina a arte de manter o rosto inexpressivo como a Leah.

Até que, um dia, acabei por reparar no Nick a trocar de lugar com o Bram Greenfeld à hora de almoço, uma troca calculada para aumentar as hipóteses de se sentar ao lado da Abby. E depois os olhares. Os famosos olhares lânguidos e apaixonados do Nick Eisner. Já tínhamos percorrido esse caminho enjoativo com a Amy Everett, no final do 9.º ano. Mas tenho de admitir que há algo de fascinante na intensidade nervosa do Nick quando gosta de alguém.

Quando a Leah vê esse olhar na cara do Nick, fica simplesmente de rastos.

O que quer dizer que há pelo menos uma boa razão para eu ser a casamenteira do Martin Addison. Se o Martin e a Abby começarem a namorar, talvez o problema com o Nick desapareça. Então, a Leah pode relaxar e o equilíbrio será restaurado.

Por isso, esta questão não é apenas sobre mim e os meus segredos. Não é de todo por causa disso.